

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS: PERSPECTIVAS PARA O ENSINO DE LITERATURA

Ana Carla das Chagas¹
Daise Lilian Fonseca Dias²
Wanilly do Nascimento Félix³

RESUMO

Este artigo tem como objetivo debater um importante assunto que é Sequências didáticas: perspectiva para o ensino de literatura e tem como foco discussões resultantes de leituras para a construção de nossas dissertações de mestrado (PROFLETRAS). Realizaremos uma revisão bibliográfica do estado da arte em relação às concepções de sequência didática voltadas à produção de gênero textual, a sequência didática interativa (com foco em uma temática) e a sequência didática para o letramento literário. Para tanto, utilizaremos os pressupostos crítico-teóricos de autores renomados, tais como: Colomer (2007), Cosson (2016), Oliveira (2013), (2011), Rouxel (2013) e Schneuwly e Dolz (2004). Daremos enfoque, primeiramente, a cada uma dessas sequências apresentando conceitos e, em seguida, especificando cada etapa para sua realização e destacaremos a Olimpíada de Língua Portuguesa como programa que as tem como proposta de trabalho. Com isto, objetivamos oferecer aos professores discussões que possam ser úteis para a construção de um pensamento crítico-reflexivo sobre a prática docente no que diz respeito ao trabalho com a escrita e leitura literária envolvendo sequências didáticas e planejamento, considerando o importante papel dos atores envolvidos no processo.

Palavras-chave: Sequência didática, sequência literária, leitura e literatura.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, um dos principais desafios do professor de Língua Portuguesa é ensinar literatura. Diversos fatores pesam contra o sucesso desta empreitada, como por exemplo, o desinteresse do alunado em relação ao tipo de texto literário que se ensina na escola; os limites do próprio professor no quesito preparo para ensinar tal disciplina, visto que a maioria dos Cursos de Letras não dispõe de uma disciplina que trate do assunto; problemas de ordem econômica nas escolas, ou seja, falta de recursos físicos (bibliotecas, livros) e áudio-visuais, para que o ensino ocorra de modo dinâmico e eficaz, dentre outros. Neste sentido, faz-se

¹ Mestra pelo Curso de Mestrado em Letras – PROFELETRAS da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG; anacarlachagas05@hotmail.com;

² Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB; daiselilian@hotmail.com;

³ Mestra pelo Curso de Mestrado em Letras – PROFELETRAS da Universidade Federal de Campina Grande - UFCG; wanillyfelix@gmail.com ;

necessário uma busca sobre atividades de baixo custo e que atendam de modo dinâmico anseios do aluno que precisam ser atendidos, contemplados e considerados neste cenário.

Diante do exposto acima, apresenta-se aqui algumas discussões sobre um recurso por demais enriquecedor para o ensino de literatura. Trata-se do uso de sequências didáticas. Elas, na verdade, tem seu foco original destinado ao trabalho com textos não literários, todavia, utilizaremos os postulados de Cosson (2016) em sua adaptação deste conceito para o trabalho com o texto literário. Seu modelo é, por demais, dinâmico e motivador.

METODOLOGIA

Segundo Schneuwly e Dolz (2004, p. 82): “Uma ‘sequência didática’ é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Percebe-se que para utilização de uma sequência didática é necessário, por parte do professor, muito empenho e dedicação, pois é preciso planejar um conjunto de propostas de atividades a serem executadas pelos alunos que serão interligadas, com orientações bem definidas durante cada etapa, envolvendo momentos múltiplos, tanto de atividades de aprendizagem como de avaliação, com intervalos que o professor poderá até repensar alguma intervenção insatisfatória, aperfeiçoando-a, pois tudo será organizado de acordo com os objetivos que o professor deseja alcançar com seus alunos. Assim alguns passos devem ser seguidos para a obtenção de um resultado eficaz como muitos estudos comprovam.

De acordo com Schneuwly e Dolz (2004), para a realização de uma sequência didática, temos como estrutura básica, primordialmente a escolha de um gênero oral ou escrito, apresentação da situação, produção inicial, módulos que podem variar de quantidade de acordo com as necessidades de sua proposta e produção final.

Na apresentação da situação, é importante explicar para os alunos como o trabalho vai ser realizado detalhadamente, isso pode ser através de uma conversa, apresentando qual seu objetivo e o gênero que será estudado para produção final. Neste momento, a turma, junto com o professor, pode organizar um cronograma ou plano de ação. É importante também iniciar o mapeamento do conhecimento da turma sobre o gênero.

Na primeira produção, realiza-se uma explanação sobre a proposta de escrita, com o intuito de perceber o que os seus alunos já sabem sobre o gênero e o que precisam melhorar. Estas serão suas primeiras impressões.

Durante os módulos, diante de todo resultado do mapeamento da turma, serão elaboradas atividades que envolvam as dificuldades detectadas. Estas atividades e exercícios serão diversificadas envolvendo leitura, escrita e oralidade. É importante a utilização de bons textos, com o acompanhamento do professor sobre as dificuldades dos alunos, investigando sobre o tema e percebendo depois de todo o processo o que os alunos aprenderam para propor uma produção final com uma reescrita bem planejada.

Vale ressaltar que no Brasil temos a Olimpíada de Língua Portuguesa -Escrevendo o Futuro que utiliza essa proposta de sequência didática como norte. Este programa é uma iniciativa do MEC (Ministério da Educação), FIS (Fundação Itaú Social) e do CENPEC (Cultura e Ação Comunitária) e objetiva aprimorar habilidades de leitura e escrita dos alunos das escolas públicas do nosso país. Para isso, oferece material de apoio pedagógico direcionado ao trabalho com os alunos do 5º ano do Fundamental I até o 3º ano do ensino médio através de cadernos com sequências didáticas já elaboradas, com etapas bem definidas e textos selecionados da seguinte forma: 5º ano do Fundamental, o material é voltado ao gênero poema; 6º e 7º anos do Fundamental, ao gênero memórias literárias; 8º e 9º anos do Fundamental, ao gênero crônica; 1º e 2º anos do Ensino Médio, a documentário e 3º ano do Ensino Médio, ao gênero artigo de opinião. Esse material anteriormente era enviado impresso para as escolas de todo país, hoje, está disponível no portal da Olimpíada para consulta dos professores.

O programa oferece também cursos online com temáticas que envolvem o ensino de Língua Portuguesa direcionados ao trabalho com esses gêneros e, a partir da análise dos cadernos, percebemos o quanto o material é rico, e como segue claramente a proposta de sequência didática acima apresentada, propiciando um despertar para que o professor possa aprimorar sua prática, abrindo novos olhares para a busca de novas informações.

Porém, as sequências didáticas já estão elaboradas e devem ser compreendidas como uma ponte introdutória que necessita de aprofundamento e reflexão. Para isso, é importante que o professor não apenas siga-as como modelos, mas, sim, conheça o que é uma sequência didática, como ela pode ser trabalhada envolvendo várias temáticas, qual sua importância para que ele possa elaborar suas próprias sequências, a partir das necessidades dos seus alunos. Como também, viabilize a partir desses conhecimentos como essa estratégia pode ser valiosa para o trabalho com a literatura, através da leitura de textos literários para apreciação, análise e até produção e para a criação de elos envolvendo temáticas que englobam várias disciplinas curriculares e saberes.

DESENVOLVIMENTO

Mediante o exposto, consideramos relevante discutirmos sobre outro tipo de sequência didática que também pode ser utilizado em sala de aula e propicia a construção do conhecimento significativo, é a “Sequência didática interativa” (SDI) que surge inspirada em estudos da didática francesa e tem como aporte teórico fundamental o Círculo Hermenêutico-Dialético, que é assim definido por Oliveira (2013, p. 62):

O Círculo Hermenêutico-Dialético é um processo de construção e reconstrução da realidade de forma dialógica através de um vai e vem constante (dialética) entre as interpretações e reinterpretações sucessivas dos indivíduos (complexidade) para estudar e analisar um determinado fato, objeto, tema e/ou fenômeno da realidade.

Diante disto, percebemos a valorização dos saberes sociais dos alunos e ou professores, e a reconstrução ou o aprimoramento desses saberes através de atividades que envolvem os protocolos verbais. Existindo de forma constante uma troca recíproca destes. E como professores, reconhecemos que a importância da oralidade estar presente em nossas aulas e como ela pode auxiliar no trabalho com a leitura significativa e a escrita.

Assim, Oliveira (2013) nos apresenta a proposta da SDI como uma metodologia estruturada, com estratégias bem planejadas que envolvam os alunos e oportunize a construção do conhecimento, considerando-os protagonistas de saberes. Reconhecendo a importância de cada membro do processo ensino aprendizagem com crença na interpretação, compreensão e até reconstrução da realidade através dela. Definindo a SDI como:

A sequência Didática Interativa é uma proposta didático-metodológica que desenvolve uma série de atividades, tendo como ponto de partida a aplicação do Círculo Hermenêutico-Dialético para identificação de conceitos/definições, que subsidiam os componentes curriculares (temas) e que são associadas de forma interativa com teoria(s) de aprendizagem e/ou propostas pedagógicas e metodologias, visando à construção de novos conhecimentos e saberes. (OLIVEIRA 2013, p.58 e 59).

Para isso é necessário que alguns passos sejam seguidos. A definição do tema é o tópico central para o início da SDI, após definido, realiza-se uma percepção das concepções dos alunos sobre ele, através de uma atividade na qual o estudante escreva qual seria sua definição a partir de seus saberes. Em seguida, através de uma atividade em grupo, os alunos realizarão um conceito do grupo com as ideias de seus componentes através de uma síntese de todos os conceitos do grupo, valorizando o que cada membro tinha escrito. Dando

continuidade, cada grupo escolhe um líder como representante e todos os líderes serão reunidos para que façam uma nova síntese com os conceitos de todos os grupos e esta representará o conceito da turma, concluindo a primeira etapa com a definição do tema. Neste momento percebemos a importância do professor direcionar suas atividades a partir do conhecimento prévio da turma.

Em um segundo bloco de atividades, o professor amplia o repertório do aluno através do embasamento teórico, estabelecendo sempre um debate com integração da turma. Neste momento o professor poderá utilizar várias alternativas, tais como: apresentação de slides, painel com definições de autores, textos com a temática, entre outros.

Após este trabalho, propõe-se um aprimoramento dos saberes através de pesquisas para que os alunos ampliem seus conhecimentos e possam produzir um pequeno texto sobre o tema estudado. É importante que o professor oportunize um momento de apresentação dessa produção, como também uma análise dos saberes iniciais e saberes construídos através da SDI. Oliveira (2013, p. 61) ressalta que:

É muito importante que o resultado final da aplicação dessa ferramenta didática seja socializado com apresentação dos resultados em pequenos eventos na universidade/escola, seminários, congressos e até divulgado em redes sociais.

Percebemos que a SDI pode ser trabalhada envolvendo várias disciplinas e abre espaço para um direcionamento transdisciplinar, concebendo o surgimento de uma nova concepção da realidade.

Comungando com todas as informações apresentadas acima e reconhecendo a necessidades de práticas que direcionem um olhar para a construção do leitor independente, livre e crítico através da literatura, corroboramos com Rouxel (2013) quando nos apresenta três componentes indispensáveis ao nosso olhar.

Os *saberes sobre o texto* envolvendo o conhecimento do gênero, sua tessitura, os detalhes que estão explícitos em sua construção, isso é adquirido através da leitura geral da obra. Os *saberes sobre si* reconhecendo seu conhecimento de mundo, seus gostos, suas leituras para que possam conversar com o texto, confrontando ou concordando com os ideais expostos, deixando fluir a subjetividade do leitor. E por último, os *saberes metaléxicos* com uma análise detalhada para buscando pistas no texto que favorecem as interpretações possíveis.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com base na discussão acima, voltamo-nos para o nosso foco, sobretudo porque acreditando no poder da Literatura para construção desse leitor, baseamo-nos nas concepções de Cosson (2016) que tem como foco a sequência didática para o letramento literário. O autor nos apresenta dois modelos de sequência: a sequência básica e a sequência expandida. A sequência básica é formada por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação, sobre os quais discutiremos a seguir.

A motivação está direcionada a despertar no aluno e nos profissionais o prazer e a curiosidade por aquilo que ele realizará: a leitura. Reconhecendo, também, os saberes experienciais que os alunos apresentam com relação àquela obra literária. De acordo com Cosson (2016, p. 54):

Ao denominar motivação a esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação.

Na introdução realizar-se-á um trabalho voltado ao estudo do autor, suas peculiaridades na escrita e suas especificidades, como também o momento histórico da obra para que os alunos possam opinar e comentar as suas escolhas e seleções literárias. Assim, Cosson (2016 p. 57) observa: “Chamamos de introdução a apresentação do autor e da obra”.

Durante o processo da leitura é imprescindível o acompanhamento do professor e o planejamento para que as propostas possam ser cumpridas, mas também, é essencial para auxiliar nas dificuldades dos alunos. Neste momento, durante as atividades de intervalo o professor subsidiará e buscará suprir tais limitações:

A leitura do texto literário, como já observamos antes, é uma experiência única e, como tal, não pode ser vivida vicariamente. Conhecer a história ou saber o final de um romance jamais substitui essa experiência, tanto que continuamos a ler obras cujos ‘segredos’ são amplamente conhecidos. O que nos leva a ler um clássico, por exemplo, é a experiência estética que ele proporciona e não simplesmente a história que conta (COSSON, 2016 p. 63).

Na interpretação, temos a presença de dois momentos que são únicos e altamente relevantes para o leitor, no qual envolve o interior e o exterior. No interior é quando vamos conhecer o texto, perceber a realização da obra, reconhecer as expectativas, comprová-las ou

rejeitá-las. Aqui utilizaremos da emoção, da razão e dos sentidos para associarmos com o contexto vivenciado pelo leitor. De modo que “O momento interior é aquele que acompanha a decifração, palavra por palavra, página por página, capítulo por capítulo, e tem seu ápice na apreensão global da obra que realizamos logo após terminar a leitura” (COSSON, 2016 p. 65).

O autor também disserta sobre o momento externo, caracterizando-o da seguinte forma:

O momento externo é a concretização, a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade. É aqui que o letramento literário feito na escola se distingue com clareza da leitura literária que fazemos independente dela. Quando interpretamos uma obra, ou seja, quando terminamos a leitura de um livro e nos sentimos tocados pela verdade do mundo que ele nos revela, podemos conversar sobre isso com um amigo, dizer no trabalho como aquele livro nos afetou e até aconselhar a leitura dele a um colega ou guardar o mundo feito de palavras em nossa memória (COSSON, 2016, p.65).

Nesse momento, a leitura em si se concretiza com a decifração das informações explícitas e implícitas no texto, tornando o leitor capaz de opinar, refletir e interferir em seu próprio meio, através das palavras lidas.

Ora, é importante destacar que a sequência expandida é uma sequência básica “melhor elaborada,” com a implementação de novos momentos que com certeza facilitarão e aperfeiçoarão o conhecimento dos futuros leitores. Alguns momentos de leitura são convergentes entre a sequência básica e a expandida, portanto, detalharemos apenas os que foram acrescentados nessa última. Na sequência expandida, temos como passos: motivação, introdução, leitura, primeira interpretação, contextualização, segunda interpretação e expansão.

A primeira interpretação corresponde ao momento em que o leitor realiza seu primeiro contato com a obra apreciando o valor do texto, sem julgamentos para o entendimento global, fluindo suas impressões, sentimentos e emoções naquele mundo descoberto pela literatura. Cosson (2016, p. 83) ressalta que a primeira interpretação “destina-se a uma apreensão global da obra. O objetivo dessa etapa é levar o aluno a traduzir a impressão geral do título, o impacto que ele teve sobre sua sensibilidade de leitor”.

Já a contextualização é o momento em que o aluno tem a oportunidade de conhecer vários fatores indispensáveis sobre a obra, facilitando sua compreensão e seu aprofundamento. Pois temos uma subdivisão desta como: teórica, histórica, estilística, poética, crítica, presentificadora e temática.

No caso da segunda interpretação, o leitor já apresenta inúmeras habilidades para melhor penetração e aprofundamento nas linhas do texto, podendo assim ser capaz de inferir, contextualizar, opinar de forma segura e espontânea.

Por último, com a expansão, depois de tantos estudos, debates e leituras, chega o momento de articulação das definições subjetivas dos alunos, utilizando seus saberes experienciais e suas leituras anteriores, como também a intertextualidade literária, unindo obras que tratam do mesmo tema.

Sendo assim, apresentamos no decorrer deste trabalho, debatemos sobre sequências didáticas com o intuito de oferecermos aos professores uma literatura que pode servir tanto como sugestão de pesquisas, quanto como de trabalho que pode servir como norte para intervenções no trabalho com a literatura que podem ser adaptadas, modificadas e redirecionadas de acordo com as necessidades e realidades de cada um. E como nos afirma Colomer (2007, p. 119):

Quanto mais flexível e ativo é o ensino que se oferece, mais os alunos podem beneficiar-se da relação entre a leitura literária e o aprendizado escolar. As formas de organização são muito diversas e os professores devem encontrar aquelas nas quais se sintam mais cômodos e seguros. No entanto, algumas formas demonstraram vantagens, pelo que conviria que fossem se generalizando em algumas modalidades.

Acreditamos que as sequências podem ser uma valiosa alternativa para transformações no trabalho com a leitura através da Literatura, para que possamos ver a efervescência do querer saber, do investigar em nossas aulas e o brilho no olhar de cada um dos nossos alunos quando consegue desvendar os mistérios de um texto, relacionando suas vivências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme pode-se observar ao longo deste artigo, o trabalho com sequências didáticas para o texto literário é uma opção dinâmica e motivadora, e que não impõe a utilização de recursos dispendiosos, de sorte que pode ser adaptada tanto para o Ensino Fundamental quanto o Médio.

Um dos elementos que destacamos como valiosos na proposta de Cosson, é exatamente a preocupação com a motivação do aluno. Desde os anos de 1970, com a teoria da recepção, a academia tem se voltado cada vez mais para o papel do leitor na construção de sentido do texto literário. Porém, não se tem dado tanto destaque ainda a busca por soluções

exequíveis, para se fazer o ensino escolarizado da literatura prazeroso o suficiente para alunos cada vez mais seduzidos por diversos veículos de acesso a textos escritos ou não.

Neste cenário, entendemos que o uso da sequência didática, que pode se dar mediante a discussão de uma temática e suas ramificações, como o gótico (o gótico tradicional, o gótico americano, o gótico feminista, o gótico brasileiro, etc), por exemplo, ampliará o horizonte de expectativas do aluno, ao tempo em que o atrairá para o que a escola tem a lhe oferecer no campo dos estudos literários.

REFERÊNCIAS

- COLOMER, Tereza. **Andar entre livros**. A leitura literária na escola. São Paulo: Global, 2007.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Editora Contexto, 2016.
- DOLZ Joaquim, SCHNEWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras: 2004.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Sequência didática interativa no processo de formação de professores**. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- ROUXEL, Annie. Aspectos metodológicos do ensino da literatura. In: DALVI, Maria Amélia (Et al). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.